



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS VI: POETA PINTO DO MONTEIRO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS
CURSO: LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

SIMONE DOS SANTOS COSTA

**ENTRE A SUBMISSÃO E A TRANSGRESSÃO: A REPRESENTAÇÃO DO
FEMININO NO ROMANCE FAHRENHEIT 451, DE RAY BRADBURY**

MONTEIRO-PB

2018

SIMONE DOS SANTOS COSTA

**ENTRE A SUBMISSÃO E A TRANSGRESSÃO: A REPRESENTAÇÃO DO
FEMININO NO ROMANCE FAHRENHEIT 451 DE RAY BRADBURY**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à coordenação de TCC do curso de Letras – Língua Portuguesa, Campus VI, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para obtenção de título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Gomes

MONTEIRO-PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

C837e Costa, Simone dos Santos.

Entre a submissão e a transgressão [manuscrito] : a representação do feminino no romance Fahrenheit 451, de Ray Bradbury / Simone dos Santos Costa. - 2018.

26 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2018.

"Orientação : Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes ,
Coordenação do Curso de Letras Português - CEDUC."

1. Ray Bradbury (Romance). 2. Mulher e Submissão. 3.
Mulher e Patriarcalismo. I. Título

21. ed. CDD 305.42

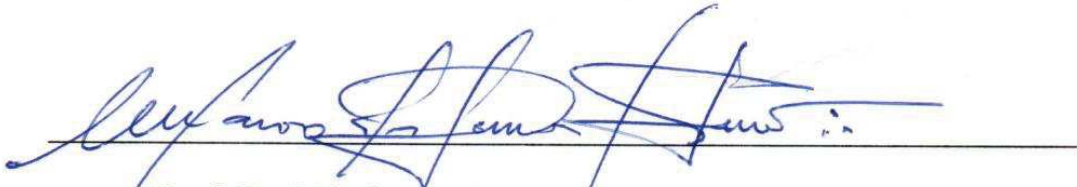
SIMONE DOS SANTOS COSTA

**ENTRE A SUBMISSÃO E A TRANSGRESSÃO: A REPRESENTAÇÃO DO
FEMININO NO ROMANCE FAHRENHEIT 451, DE RAY BRADBURY**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa – do Centro de Ciências Humanas e Exatas da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do título de Licenciatura em Letras. Orientador: Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes

Aprovada em 06/12/2018

Banca Examinadora



Prof. Dr. Márcio dos Santos Gomes (UEPB-Orientador)



Profª. Dra. Cristiane Agnes Stolet Correia (UEPB-Examinadora)



Profª. Ma. Simone dos Santos Alves Ferreira(UEPB-Examinadora)

“ Os poetas serão! Quando for abolida a servidão infinita da mulher, quando ela viver para ela e por ela, tendo-lhe o homem dado baixa – até agora abominável -, ela também será poeta! A mulher encontrará o desconhecido! Divergirão dos nossos os seus mundos de ideias? Ela descobrirá coisas estranhas, insondáveis, repugnantes, deliciosas, tomá-las-emos e compreenderemos”

Arthur Rimbaud

AGRADECIMENTOS

A jornada pela busca dos sonhos é longa, cansativa, cheia de obstáculos, no entanto devemos enfrentar com coragem cada um deles para que possamos prosseguir. Apesar da vontade de desistir, das dificuldades de aprendizagem, sempre tive forças para lutar e foi por meio dessa luta que consegui chegar até aqui. Essa chegada é gratificante, pois implicou o trajeto por um caminho em que despertei pelo amor às Letras, principalmente à Literatura, e também o amor pela possibilidade de ensinar outras pessoas, de forma a despertar neles a sede de conhecimentos. Essa conquista, por sua vez, só se tornou possível graças às pessoas que sempre estiveram ao meu lado me apoiando e incentivando a busca pelos meus sonhos.

Para tanto, em primeiro lugar sou grata a Deus por ter me concedido força e coragem, considerando a dificuldade que era o trajeto de ônibus de minha cidade até Monteiro ou o fato de ter deixado minha filha doente em casa, logo no começo do curso. No entanto, todos esses fatores foram fonte de incentivo e aprendizado.

Agradeço aos meus pais, Maria da Paz e Antônio Hilário. Em especial, a minha mãe, pois foi ela que nas horas de desânimo me reergueu e me animou a continuar. Agradeço também a minha filha, Alanna Sylmara, ela que é a razão de tudo em minha vida e que está sempre ao meu lado me ajudando nos trabalhos e tentando sanar minhas dificuldades com a tecnologia. Filha é para você e por você que luto todos os dias.

Grata a todos que direta ou indiretamente trilharam comigo o caminho para esse sonho, em especial, ao meu orientador Márcio Gomes, pela paciência e dedicação prestadas. Além, de agradecer também aos demais professores que compartilharam conhecimentos comigo no decorrer desse curso.

Por fim, obrigada às colegas de turma que se tornaram minhas melhores amigas, uma segunda família proporcionada pelo curso de Letras: Ana Paula, Jandilma Freire, Maria Lucidalva, Nazaré Araújo e Raquel Gonçalves. Obrigada pela amizade, companhia e conselhos. Em especial um obrigada a minha prima Yonara Brito pelos conselhos, pela companhia nas viagens que muitas vezes se tornavam cansativas, mas com suas risadas sempre se tornavam melhores.

RESUMO

O trabalho em questão tem por objetivo, analisar as três principais personagens femininas do Romance de *Fahrenheit 451* de Ray Bradbury (1953) buscando especificar como o tema da submissão e transgressão é tratado no romance, a partir de uma perspectiva de ambivalência das personagens femininas do romance, observando como a identidade feminina vem ganhando cada vez mais espaço no meio social por imposição própria. Para tal, utilizaremos as considerações teóricas de Simone de Beauvoir (1980) e Judith Butler (2003) e também nos utilizaremos dos estudos de Casnabet (1990) Louro (2002) Perrot (2007) Wiechmann e Zolin (2009). Butler (2003) problematiza as identidades de gênero masculino e feminino, procurando desvincular as diferenças biológicas dos comportamentos sociais de homens e mulheres, sustentando que esses comportamentos não são efeitos da natureza, mas sim de regras sociais. A teoria de Beauvoir sugere a mulher uma forma de se emancipar dessa opressão. No caso do romance em questão se constroem perfis de mulheres que destoam dos preceitos pregados pelo patriarcalismo.

Palavras-chave: Submissão, transgressão, identidade.

ABSTRACT

The work in question aims to analyze the three main female characters of the *Romance of Fahrenheit 451* by Ray Bradbury (1953) seeking to specify how the subject of submission and transgression is treated in the novel, from a perspective of ambivalence of the feminine characters of the novel, observing how the feminine identity has been gaining more and more space in the social environment by its own imposition. For this, we will use the theoretical considerations of Simone de Beauvoir (1980) and Judith Butler (2003) and we will also use the studies of Casnabet (1990) Louro (2002) Perrot (2007) Wiechmann and Zolin (2009). Butler (2003) problematizes the masculine and feminine identities, trying to dissociate the biological differences of the social behaviors of men and women, maintaining that these behaviors are not effects of the nature, but of social rules. Beauvoir's theory suggests a way for women to emancipate themselves from this oppression. In the case of the novel in question are constructed profiles of women who disregard the precepts preached by patriarchy.

Keywords: Submission, transgression, identity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1-MULHER E O DISCURSO HISTÓRICO SOBRE: SUBMISSÃO E TRANSGRESSÃO.....	13
CAPÍTULO 2-REPRESENTAÇÃO DO FEMINNO NO ROMANCE FAHRENHEIT 451.....	16
2-1 SUBMISSÃO VERSUS TRANSGRESSÃO.....	16
2-2 CLARISSE.....	16
2-3 BLAKE.....	19
2-4 MILDRED.....	20
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS.....	25

INTRODUÇÃO

Fahrenheit 451: a temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima é um romance distópico americano, publicado em 1953, de autoria de Ray Bradbury que tem como foco central os desdobramentos em torno da construção de uma sociedade totalitária. Ele toma como princípio temático a veiculação e a censura do conhecimento a seus habitantes, da cidade na qual o romance se ambienta. Essa censura se reflete no comportamento e nas atitudes dos personagens do romance, uma vez que uns se adequam a um determinado modelo de comportamento e outros não. Isso permite focalizar especificamente a questão do gênero. Como modelo desse gesto crítico da literatura podemos citar, por exemplo, *Nós*, de Yevgeni Zamiátin; *1984*, de George Orwell e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, nos quais a narrativa se desenvolve a partir da concepção de um estado totalitário cerceador de direitos individuais.

De maneira geral, em romances desse gênero o motivo do Estado totalitário é o veículo escolhido pelos autores para representar traços relativos ao cerceamento das liberdades individuais, algo típico do gênero distopia que utiliza-se particularmente de uma concepção de futuro como mote para construir uma crítica do presente. Isso possibilita aos romances desse gênero produzir um contraste entre um futuro possível e a realidade presente, o que movimenta a reflexão do leitor acerca dos modelos formadores da sociedade em que se encontra.

Em *Fahrenheit 451*, especificamente, os personagens que ali se apresentam vivem uma espécie de ditadura ideológica, uma vez que são manipulados pelo motivo do governo tirano que usa do poder instituído para construir a aparência de sociedade organizada e feliz, que esconde uma estrutura de manipulação, a alienação instrumentalizada pela censura do acesso ao conhecimento dos cidadãos, uma vez que esses não têm acesso aos livros, que nessa sociedade são vistos como perigosos e supérfluos.

Esse gesto crítico da literatura tratado como distopia, é explorado em romances do gênero como *Nós*, de Yevgeni Zamiátin, *1984*, de George Orwell e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, nos quais a tirania incide sobre as pessoas. O que se focaliza em *Fahrenheit 451* de maneira geral é a questão da falta de acesso ao conhecimento aliado ao tema da exploração da indústria cultural. O que desencadeia o pessimismo e a depressão nos habitantes daquela sociedade.

Segundo revisão bibliográfica feita para esse trabalho, nos últimos cinco anos, o romance *Fahrenheit 451* foi objeto de estudo de pesquisa no Brasil sendo tema de investigação de

diversas áreas, em especial, das áreas de comunicação e sociologia. Esses estudos apontam em geral para os aspectos diversos que apresentaremos brevemente a seguir.

Pereira (2007), por exemplo, afirma haver no romance, a construção de uma ideia de sociedade que escolheu trocar o conhecimento pelo entretenimento. A autora destaca que para muitos americanos, o ideal de felicidade está diretamente ligado ao sucesso financeiro e indiretamente associado à tecnologia, pois os Estados Unidos da América é um país fortemente marcado pela invenção, utilização e difusão de tecnologia, sendo eles os responsáveis pela expansão desse ideário capitalista no resto do mundo, particularmente, no período que se segue à Segunda Guerra Mundial. O tema escolhido pelo autor para sua pesquisa trata das consequências do cerceamento à informação nessa sociedade e das consequências que isso pode apresentar num romance futurista.

Em outro estudo recente, de Locchi (2016), o foco do autor é o questionamento acerca das questões de liberdade de expressão dos direitos da sociedade enquanto sociedade de classes. Segundo o autor, o cerceamento à informação é uma forma de negar à população o direito ao conhecimento, ou seja, Lochi explora a temática da opressão exercida sobre os cidadãos em seu acesso no que se refere ao acesso à informação e aos valores culturais locais impedindo que a população possa desenvolver uma consciência crítica na qual se encontram.

Um terceiro estudo importante que pudemos consultar foi de Rangel (2012), que focaliza na sua pesquisa a questão a respeito do consumismo e sua relação com o tema da felicidade e da exclusão da memória histórico-cultural da sociedade. Segundo o autor, a narrativa aponta para um estado de alienação que acarreta uma confusão temporal, pois com a queima dos registros históricos apaga-se também a memória da população, o que impede que os sujeitos tenham acesso às origens de sua própria história.

Já Nascimento e Calsa (2015) escolhem tratar da questão da verdade. Para as autoras, havia uma única verdade imposta pelo governo, o que evidencia as dificuldades de compreender e aceitar o ponto de vista oriundos da diversidade.

Os artigos que consultamos para realizar levantamento da pesquisa a respeito do romance construída nos últimos cinco anos e que tiveram como resultado a leitura dos artigos de Pereira (2007), Lochi (2016), Rangel (2012) quanto Nascimento e Calsa (2015) apontam para o fato de os personagens serem ali apresentados como alienados pelo fato do autor propor como fundamento da construção dos personagens ali apresentados, uma composição que surge como misto de excesso de tecnologia e a falta de conhecimento propiciado pela leitura.

Essa temática é reforçada pelo artigo de Correia (2015) que alerta seus leitores a respeito do perigo de se influenciar pela cultura de massa, pelo consumismo e pelo individualismo, aspectos que costumam ser destacados em romances desse gênero classificados como distopia.

A partir da leitura do romance, realizada na disciplina de *literatura comparada*, surgiu o interesse pelo aprofundamento do romance e por desenvolver essa pesquisa na forma de TCC, uma vez que os temas apresentados pelos artigos aqui arrolados foram discutidos em sala no contraste com a teoria de Michel Foucault desenvolvida em seu texto intitulado *Vigiar e Punir*, que trata da questão da punição e da vigilância no ocidente, dentre outras questões.

Como tema a ser trabalhado por essa pesquisa, escolhemos tratar da questão do gênero e mais especificamente do feminino no romance. De onde surge o objetivo geral de nossa pesquisa que é descrever e refletir a respeito da representação da figura feminina no romance, com o objetivo de tratar da questão especificamente pelo tema da *submissão e transgressão do gênero feminino* no universo distópico tomando como foco, em especial, três personagens femininas de *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. Especificamente buscamos perceber como o tema da submissão e transgressão é tratado no romance de Bradbury a partir de uma perspectiva de *ambivalência* das personagens femininas.

O método que utilizaremos na nossa pesquisa é exploratória e descritiva, pois foi feita uma revisão bibliográfica e simultaneamente uma descrição, dos apontamentos levantados tomamos por base, especificamente os estudos das teóricas que abordam a questão do feminino bem como Judith Butler (2003) na obra “ Problemas de Gênero” e Simone de Beauvoir (1980) “ O Segundo Sexo”. O feminismo existencialista de Beauvoir (1980) aborda a mulher como escrava e o homem como seu senhor, mas suas teorias podem “ oferecer um estudo da opressão das mulheres e, de outro sugerir formas de emancipá-las dessa opressão (ZOLIN, 2009, P. 224), ou seja ela aborda a submissão que as mulheres sofrem a partir de uma imposição social, mas também abre um leque de possibilidade, alegando que a mulher só é submissa se ela mesmo aceitar se submeter.

Ao abordar a questão do gênero, Judith Butler (2003), defende que nem o sexo nem o gênero é natural mas sim uma construção social, ou seja, ninguém nasce menina ou menino, mas aprende a desempenhar tais papéis a partir do meio social, portanto o gênero é produto de uma historicidade, de uma construção ligada ao ambiente no qual esses sujeitos se desenvolvem. Tal como cita a autora: “Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino” (BUTLER 2003, p. 26). O gênero, portanto, para a autora é uma construção que se constitui a partir de uma relação do sujeito com seu entorno afetivo e espacial.

Esse mesmo postulado é repetido no texto: Problemas de Gênero, também de Judith Butler (2003). Butler aponta para o fato de que nada garante que o ser que desenvolva características femininas seja especificamente uma mulher, é que o gênero mostra-se como um fenômeno inconstante. Ou seja, ninguém nasce mulher ou homem, mas aprende a desempenhar tais papéis a partir do meio social. Butler (2003) considera a mulher um sujeito em busca da representação política, sua luta seria em questão a identidade, é que está deixando de ser uma identidade fixa, para apresentar-se como produto de uma construção em que contribuem fatores como livre arbítrio. Para Butler (2003) “A desconstrução da identidade não é a desconstrução da política; ao invés disso, ela estabelece como políticos os próprios termos pelos quais a identidade é articulada [...]” (BUTLER, 2003, p.213).

A proposta de Butler (2003) é, portanto, problematizar as identidades de gênero masculino e feminino, procurando desvincular as diferenças biológicas dos comportamentos sociais de homens e mulheres, sustentando que esses comportamentos não são efeitos da natureza, mas sim de regras sociais.

Um dos fatores que para Butler (2003) contribuem para a construção do gênero dos sujeitos, são as normas disciplinares, em especial aquelas ligadas ao controle do exercício da sua sexualidade que cerceada por normas específicas constroem uma identidade de gênero marcada pela submissão, caso o indivíduo aceite subordinar-se, submeter-se a essas normas.

Nesse sentido, a teoria de Butler aponta para as seguintes indagações que tomamos como questões norteadoras do trabalho: Como se dá a representação do feminino na obra, se levarmos em conta as três principais personagens do romance *Fahrenheit 451*? Elas assumem ali papel mais tradicional de submissão e aceitação das normas sociais ou uma postura de transgressão no decorrer da narrativa? Como o autor articula essas personagens na narrativa e que funções elas assumem nessa narrativa uma vez que o gênero é uma construção oriunda da relação do sujeito com seu entorno?

No intuito de responder essas indagações trabalhamos com a seguinte hipótese: a representação do feminino foi construída de forma dicotômica no romance, pois as personagens assumem os papéis ora de submissão ora de transgressão a depender de sua relação familiar e do ambiente no qual o processo de construção do gênero se deu. Tencionamos, portanto, aqui verificar em que medida a hipótese de Butler pode ser comprovada se tomarmos esse romance como foco de nossos estudos.

Partimos da concepção de que o autor deseja utilizar o romance como forma de estabelecer um lugar para o confronto entre duas visões antitéticas a respeito do feminino, uma submissa e outra transgressora no sentido de instrumentalizar o texto romanesco como lugar de

embate dessas duas posições na discussão própria da pós-modernidade tal como defendida por Judith Butler (2003).

Do ponto de vista da construção do trabalho, decidimos primeiramente descrever o que caracteriza o papel de *submissão* e o papel de *transgressão* atribuído às personagens femininas na narrativa romanesca; para num segundo momento a partir das proposições colocadas adicionalmente por autores como Casnabet (1990) em sua obra “A mulher no pensamento filosófico do século XVIII” Wiechmann¹ “A Crítica literária feminista e autoria feminina”, Zolin (2009) “Crítica feminista” Perrot (2007) “Minha história das mulheres” Louro (2002) “Epistemologia feminista e teorização social” que tratam da desconstrução de estereótipos que classificam a mulher como sexo frágil e que discutem a luta das mulheres do ponto de vista histórico na busca por direitos iguais para ambos os gêneros.

Discutir as questões a que apontadas e, num terceiro momento, chegar a uma resposta dos questionamentos que propusemos num tópico conclusivo.

Decidimos dividir a pesquisa em dois capítulos, no primeiro apontaremos alguns conceitos sobre o patriarcado com base na submissão e transgressão feminina a partir de teóricos já mencionados. No segundo capítulo, faremos uma análise das três principais personagens femininas do romance, Clarice, Blake e Mildred procurando delinear um pouco da trajetória da suposta submissão e transgressão de cada uma, e por fim chegaremos a um tópico conclusivo, com intuito de responder os questionamentos aqui levantados.

¹ O texto não apresenta referência. O ensaio está disponível em <http://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/natalia.pdf>

CAP.1-A MULHER E O DISCURSO HISTÓRICO SOBRE: SUBMISSÃO E TRANSGRESSÃO.

Ao fazermos referência ao movimento feminista ou ao patriarcado é preciso destacarmos inicialmente os estudos de Simone de Beauvoir, uma das autoras pioneiras no que diz respeito à luta pela igualdade de gêneros, que publicou mais de vinte obras relacionadas à luta feminina.

No século XIX as mulheres que pensassem diferente dos homens e não cumprissem o papel imposto pela sociedade, não eram bem vistas no meio social. Simone de Beauvoir não aceitava as imposições socioculturais referentes às mulheres, imposto pela sociedade, não era bem vista no meio social e no século XX foi vista como uma ameaça, por fazer parte de uma revolução feminista, na qual as mulheres lutaram para ter vez e voz na sociedade e na história. Como pode ser verificado no seguinte trecho:

Foi pelo trabalho que a mulher cobriu em grande parte a distância que a separava do homem; só o trabalho pode assegurar-lhe uma liberdade concreta. Desde que ela deixa de ser uma parasita, o sistema baseado em sua dependência desmorona; entre o universo e ela não há mais necessidade de um mediador masculino. A maldição que pesa sobre a mulher vassala, reside no fato de que não lhe é permitido fazer o que quer que seja: ela se obstina então na impossível procura do ser através do narcisismo, do amor, da religião; produtora, ativa, ela reconquista sua transcendência; em seus projetos afirma-se concretamente como sujeito; pela sua relação com o fim que visa, com o dinheiro e os direitos de que se apropria, põe à prova sua responsabilidade. (BEAUVOIR, 1967, p.449)

As ideias expressas por Beauvoir (1967) apontam para reflexões voltadas às circunstâncias em que o indivíduo está inserido, ou seja, em cada período as necessidades não são as mesmas e as lutas por direitos se alteram conforme as mudanças sociais. Quando se escuta falar em movimento feminista, sempre é visto como algo polêmico, pois esses movimentos sempre estão em busca de direitos iguais para ambos os sexos.

Dentre suas obras podemos citar: **O segundo sexo** (1949), obra consagrada no rol de escritoras femininas, por abordar e analisar o papel da mulher na sociedade. Como pode ser evidenciado no trecho abaixo. Segundo a autora:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. (BEAUVOIR, 1949, p.9)

Podemos observar que a autora faz aqui uma análise do ponto de vista histórico sobre essa busca de identidade, e opressão que as mulheres sofriam e sofrem. Beauvoir aponta que o

destino da mulher já era decidido mesmo antes delas nascerem, por imposição social, alegando que a mulher deveria se ater apenas em obedecer ao seu superior seja esse seu cônjuge ou o sistema governamental. Portanto, o movimento feminista é de grande relevância nessa luta de mulheres que reivindicam os seus direitos como cidadãs.

Todo indivíduo que se preocupe em justificar sua existência a sente como uma necessidade indefinida de se transcender. Ora, o que define de maneira singular a situação da mulher é que, sendo, como todo ser humano, uma liberdade autônoma, descobre-se e escolhe-se num mundo em que os homens lhe impõem a condição do Outro. Pretende-se torna-la objeto, votá-la a imanência, porquanto sua transcendência será perpetuamente transcendida por outra consciência essencial e soberana. O drama da mulher é esse conflito entre a reivindicação fundamental de todo sujeito, que se põe sempre como o essencial, e as exigências de uma situação que a constitui como insocial. Como pode realizar-se um ser humano dentro da condição feminina? (BEAUVOIR, DSI, 1980, p.23)

Outro aspecto que se pode ressaltar aqui é o que iremos denominar de inércia feminina, no sentido que a mulher por ser criada em meio à repreensão e conseqüente vivenciá-la, cria de certa forma uma barreira a qual não lhe permite lutar por seus anseios/vontades. Em virtude disso, Beauvoir (1980) busca desconstruir alguns paradigmas com relação à mulher que foram internalizados durante os séculos, bem como que cada ser já nasce com seu sexo definido e que a mulher deveria submeter-se aos afazeres domésticos e obediência ao esposo, e ele por outro lado deveria garantir o sustento da família e a liderança do lar. Nesse sentido, os pensamentos da escritora acima citada apontam para a desconstrução do paradigma social, o qual impõe que a mulher desde os primeiros anos de vida, deve aprender a ser submissa, obediente, uma boa dona do lar, entre outros estigmas que delimitam a trajetória feminina.

Simone de Beauvoir versa, portanto, a respeito das mudanças relacionadas às mulheres com relação ao casamento, no sentido em que anteriormente era exigido da mulher que ela deveria casar-se, conseqüentemente ter filhos, educá-los. Além disso, ser fiel a seu cônjuge e cuidar do lar. Uma das autoras que tratam dessa temática, a partir do pensamento de Beauvoir é Louro (2002):

Os discursos sobre sexualidade evidentemente continuam se modificando e se multiplicando. Outras respostas e resistências, novos tipos de intervenção social e política inventados. Atualmente, renovam-se os apelos conservadores, buscando formas novas, sedutoras e eficientes de interpelar os sujeitos (especialmente a juventude) e engajá-los ativamente na recuperação de valores e de práticas tradicionais. Esses discursos não são, obviamente, absolutos nem únicos; muito pelo contrário, agora, mais do que antes, outros discursos emergem e buscam se impor; estabelecem-se controvérsias e contestações, afirmam-se, política e publicamente, identidades silenciadas e sexualmente marginalizadas. Aprendemos, todos, em meio a (e com) essas disputas. (LOURO, 2002, p.22)

Outra autora que trabalha com essa questão é Butler (2003) para quem:

A urgência do feminismo no sentido de conferir um status universal ao patriarcado, com vistas a fortalecer aparência de representatividade das reivindicações do feminismo, motivou ocasionalmente um atalho na direção de uma universalidade categórica e fictícia da estrutura de dominação, tida como responsável pela produção da experiência comum de subjugação das mulheres. (BUTLER, 2003, P. 21)

O que Butler (2003) defende é que esqueçamos as identidades que rotulam feminino/masculino, para deixar de acreditar que essa identidade é fixa e acreditar que na verdade ela se apresenta de maneira polissêmica na Pós-Modernidade.

Coadunado com os pensamentos Beauvoir e de Butler, Louro (2002) em sua obra afirma que as desigualdades sociais inerentes às mulheres, provem da diferença biológica, mas é preciso enfatizar que essas diferenças na maioria das vezes são construções sociais e históricas. E são construídas no âmbito das relações sociais entre homens e mulheres, nessas relações são também arquitetadas as desigualdades de classe de raça e de gênero, a concepção de gênero marca o imaginário da sociedade.

Perrot (2007) apresenta: “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra” (PERROT, 2007, p.33). A mulher sempre foi menos valorizada que o homem, principalmente no espaço político. A autora mostra, além disso, que no século XIX as mulheres eram excluídas de alguns ambientes, sendo esses restritos apenas para o sexo masculino, principalmente quando se tratava de assuntos políticos. No que se refere à educação, só cabia ao sexo masculino o direito de estudar, as mulheres eram restritas outra forma de educação, elas tinham que aprender a ser boas donas do lar, a cuidar do marido e dos filhos.

[...] Assim as mulheres frequentemente apagam de si mesmas as marcas tênues de seus passos neste mundo, como se sua aparição fosse uma ofensa à ordem. Este ato de autodestruição é também uma forma de adesão ao silêncio que a sociedade impõe às mulheres, feitas, como escreve Jules Simon, “para esconder sua vida”; um consentimento à negação de si que está no centro da educação feminina, religiosa ou laica, e que a escrita – assim como a leitura – contradiziam (PERROT, 2005, p. 37).

No discurso de Perrot (2005), denota claramente que o patriarcalismo impõe à classe feminina a negação de direitos básicos como educação, sexo e até mesmo o voto por muitas décadas. A partir da associação de elementos físicos, as práticas morais e culturais, a mulher era, na grande maioria das vezes, levada a possuir uma condição de submissão ao homem. Mas em contrapartida, nas palavras de Figueiredo (2004), a mulher era cheia de feitiço, veneno e sedução. E atingia ao ideário coletivo, pois carregava em si uma série de ameaças e perigos, se tornando assim uma mulher transgressora que muitas vezes, ia além do seu tempo.

Podemos concluir a partir dos argumentos teóricos anteriormente mencionados, que a mulher nos primórdios da vida sempre teve sua existência cheia de restrições e repreensões, e a luta da classe feminina sempre foi por igualdades de gênero, ou o simples direito de escolha, e que mesmo que a classe feminina tenha conquistado muitos direitos, essa luta ainda não cessou.

CAP.2-A REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO ROMANCE FAHRENHEIT 451

2.1- Submissão versus transgressão

A história gira em torno do bombeiro Montag, mas são as mulheres que o cercam que merecem destaque, pois é através delas que ele começa a enxergar um novo mundo. Uma das personagens é a questionadora Clarisse, característica esta que a norteia durante o desenvolvimento do livro, outra é a Senhora conhecida por Blake que escolhe ser queimada viva com seus livros a ficar sem eles, e por último, e Mildred esposa do bombeiro, mulher fria e consumista que só pensava em si mesma. Podemos encontrar diversas temáticas em seu enredo, como por exemplo: solidão, transgressão, liberdade e inegavelmente, busca de identidade. Observemos que na obra *Fahrenheit 451*, as personagens femininas lutam por seu espaço tanto social quanto psicológico.

2.2- Clarisse

Fahrenheit 451 ainda que em seu enredo conte a história do bombeiro Montag – cuja atividade que desenvolvia não era a que pelo senso comum entendemos como a atribuída a bombeiros: apagar incêndios -, traz em sua narrativa personagens mulheres essenciais para o decorrer da trama. A primeira personagem feminina apresentada a Montag é uma jovem que ele encontra na volta para casa e de forma divertida o bombardeia com inúmeras questões, dentre elas: “Por que você queima livros?”. A pergunta aparentemente inocente da menina desperta o bombeiro, ninguém nunca tinha lhe feito essa pergunta antes, e a partir dela que a história começa a delinear um novo rumo e o personagem vai sendo apresentado a outras mulheres da narrativa que contribuem – mesmo que involuntariamente para sua mudança de pensamento e para seus questionamentos acerca da realidade que o cerca, logo depois de mais

um dia de trabalho e da consequente, sensação de êxito, o bombeiro segue para sua casa com uma sensação de ser seguido e depara-se com Clarisse McClellan, que é assim descrita:

As folhas do outono voavam pela calçada enluarada e faziam com que a garota que ali caminhava parecesse presa num piso deslizante, deixando que o movimento do vento e das folhas a impelisse para frente. Sua cabeça pendia para o chão a fim de observar os sapatos agitarem as folhas em volta. Seu rosto era esguio e branco como leite e havia nele uma espécie de fome delicada que em tudo se detinha com infatigável curiosidade. Era uma expressão quase de contida surpresa; os olhos escuros estavam tão fixos no mundo que nenhum movimento lhes escapava. O vestido era branco e ciciava. Montag quase podia ouvir o movimento das mãos da garota ao caminhar e o som, agora infinitamente frágil, da branca agitação de seu rosto quando se voltou, descobrindo que estava a um segundo de colidir com um homem parado no meio da calçada. (BRADBURY, 2012, p.17)

A descrição de Clarisse possui alguns aspectos que se opõem a proposta daquela sociedade descrita na diegese do livro, como pessoas frias e alienadas incapazes de observar o próximo. Em *Fahrenheit 451*, a comunicação de forma escrita é posta de lado e em seu espaço é posta a audiovisual, pelo fato de que a leitura e a escrita levam o sujeito a refletir e a pensar e isso provoca infelicidade. Dessa forma, a felicidade seria uma forma de alienação. Simone de Beauvoir (1980) em sua teoria afirma que muitas mulheres acabam aceitando essa submissão imposta pela sociedade e acabam se tornando cúmplices dessa escravização:

Isso posto, a filósofa parte para a proposição de uma maneira de reverter esse estado de coisas: cabe à mulher inverter os papéis. Ao recusar os desmandos que lhe são impostos pelo homem, ela se torna sujeito e o opressor torna-se a ‘coisa’ (ZOLIN 2009 p. 225)

Podemos concluir nas palavras de Zolin (2009) segundo a teoria de Beauvoir (1980), que a mulher pode reverter esse papel de que a mulher deve ser sempre submissa, e conseqüentemente tornar-se uma mulher transgressora. Quando a primeira personagem feminina é apresentada com uma “espécie de fome delicada que em tudo se detinha com infatigável curiosidade”, ela evidencia algo que se contrapõe àquela sociedade: a busca de conhecimento, instigada pela curiosidade, e posta em prática pelos questionamentos que faz. Esses questionamentos que Clarisse faz ao bombeiro Montag são, praticamente, a base de todo o diálogo inicial dos personagens, trazendo um desconforto ao protagonista e, concomitantemente, uma via a uma possibilidade primeira de reflexão e de questionamento daquela sociedade em que vivem. Logo, o diálogo entre os dois começa com a percepção por parte dela da profissão de Montag, o que ele deduz ser pelo cheiro de querosene, apesar de

percebermos na fala da menina uma ironia, que aponta para algo a mais do que simplesmente a querosene. A conversa continua:

— Querosene — disse ele, porque o silêncio se prolongava — não passa de perfume para mim. — Acha mesmo? — Claro. Por que não? Ela fez uma pausa, pensativa. — Não sei — disse ela e se virou, olhando a calçada que levava às casas onde moravam. — Você se importa se eu voltar com você? Meu nome é Clarisse McClellan. — Clarisse. Guy Montag. Vamos. O que você faz na rua assim tão tarde? Quantos anos você tem? Caminharam pela noite na brisa morna e fresca que soprava sobre a calçada prateada, e havia no ar um levíssimo aroma de damascos e morangos frescos. Montag olhou em volta e percebeu que isso era totalmente impossível àquela altura do ano. Havia agora somente a garota caminhando com ele, o rosto claro como neve ao luar, e Montag sabia que ela estava pensando nas perguntas que ele fizera, procurando as melhores respostas. — Bem — disse ela —, tenho dezessete anos e sou doida. Meu tio diz que essas duas coisas andam sempre juntas. Ele disse: quando as pessoas perguntarem sua idade, sempre diga que tem dezessete anos e que é maluca. Não é uma ótima hora da noite para caminhar? Gosto de sentir o cheiro das coisas e olhar para elas e, às vezes, fico andando a noite toda e vejo o sol nascer. Tornaram a caminhar em silêncio e por fim ela disse, pensativa: — Sabe, não tenho medo de você. Ele ficou surpreso. — E por que deveria? (BRADBURY, 1953, p. 17-18)

A primeira pergunta de Clarisse para Montag parecia ter uma resposta óbvia para o protagonista, considerando que não estava acostumado a questionamentos, a outras possibilidades de pensamentos que não fossem os pré-concebidos. No entanto, a menina por meio de sua dúvida começa a despertar na cabeça do protagonista perguntas, sendo assim o princípio das mudanças do personagem no decorrer da diegese. E os questionamentos de Clarisse continuam:

E então Clarisse McClellan disse: — Posso fazer uma pergunta? Há quanto tempo você trabalha como bombeiro? — Desde os vinte anos. Dez anos atrás. — Você nunca lê nenhum dos livros que queima? Ele riu. — Isso é contra a lei! — Ah, é claro. (BRADBURY 1953, p. 18)

Nesse primeiro momento podemos observar a real importância que a jovem Clarisse teria na vida do bombeiro Montag, foi a partir desse encontro que os pensamentos do protagonista começaram a mudar, aquela menina meiga de olhar inquieto que se deduzia louca, foi capaz de mudar o que estava internalizado na mente do bombeiro, que já exercia a profissão há dez anos, mas a partir dos questionamentos da jovem Clarisse sentiu-se tentado a ler livros, eles continuaram a caminhada até suas casas, mas nesse momento pairava um silêncio no ar, e quando chegaram, ela se despediu:

— Boa-noite! — e foi para casa, mas pareceu lembrar-se de algo e voltou-se, olhando para ele com admiração e curiosidade. — Você é feliz? — perguntou. — Eu sou o quê? — gritou ele. Mas ela se fora — correndo sob o luar. A porta da casa fechou-se suavemente. — Feliz! Mas que absurdo! Montag parou de rir. (BRADBURY, 1953, P. 19)

Clarisse para teoria feminina estava no rol das mulheres que não aceitavam ser submissas, “Se no âmbito da lei, as mulheres eram destituídas de poder, no âmbito das práticas sociais e familiares a realidade era outra”. (ZOLIN 2009). Apesar de serem proibidas muitas mulheres no século XIX trabalhavam fora, e não se submetiam ao modelo de organização social que lhes era imposto, Clarisse que tinha apenas 17 anos, se encaixava nesse modelo de mulheres transgressoras.

Vamos observar a visão que o chefe dos bombeiros Beatty, superior do bombeiro Montag tinha sobre Clarisse, para ele, ela não passava de uma pessoa que colocava ideias na cabeça dos indivíduos, fazendo com que eles se questionassem o porquê das coisas.

— Ah, não! Não me diga que você foi enganado pelas encenações daquela idiotazinha, foi? Flores, borboletas, folhas, crepúsculos, que droga! Está tudo na ficha dela. Quem diria? Acertei na mosca. Veja só o ar doentio de seu rosto. Alguns talos de capim e as fases da lua. Quanto lixo! O que ela fez de bom com aquilo tudo? [...]— Ela via tudo. Ela nunca fez mal a ninguém. Apenas deixava as pessoas em paz. — Em paz, uma droga! Ela vinha azucrinar você, não vinha? Uma daquelas malditas samaritanas com seus silêncios indignados, beatíficos, cujo único talento é fazer os outros se sentirem culpados. Maldição, elas se erguem como o sol da meia-noite para fazer você suar na cama! (BRADBURY, P. 88)

Podemos notar que para Beatty a mulher não passava de um ser insignificante que não merecia ser levada em consideração. No discurso de Casnabet (1990), o homem ao longo do tempo foi considerado como um ser superior à mulher, que dessa forma era posta como desprovida de importância social, ou mesmo só existia por causa do outro sexo.

2.3- Blake

No dia seguinte, durante uma inspeção na casa de uma senhora que guardava inúmeros livros, Montag acaba lendo sem querer uma frase que dizia “O tempo adormeceu sobre o sol da tarde”. Sem entender o que aquilo queria dizer, mas tomado por curiosidade, ele resolve levar o exemplar escondido. Ao se negar a abandonar sua coleção, a senhora conhecida por Blake é queimada viva junto com os bens mais preciosos que tinha, e foi esse suicídio que fez com que o bombeiro tivesse um choque de realidade. Abalado com o suicídio de Blake, Montag inicia sua jornada cultural e reflexiva sobre a vida e a sociedade, Neste âmbito, é provável que o desejo

de leitura já estivesse latente no membro da corporação, apenas esperando um despertar. E a curiosidade já falava mais alto em seu interior, sobre o conteúdo existente em cada livro ao ponto de levar alguém a preferir ser queimada, a ficar sem seus livros.

A queima de livros é o ato ritual, geralmente praticado num local público, de se queimar livros ou outras formas de registros escritos que destroem da ideologia social dominante, numa forma de censura. Em alguns casos, os livros queimados são insubstituíveis, constituindo-se numa severa perda para o patrimônio cultural da humanidade, como nos casos das destruições da biblioteca de Bagdá (1258), da queima de livros durante a dinastia Qin chinesa e da destruição de documentos efetuada pelo imperador asteca Itzcóatl. A queima de livros pode ser um ato de desprezo em relação ao autor ou ao conteúdo do livro. (Wikipédia, a enciclopédia livre 2018)

E mais uma figura de suma importância surge na vida do bombeiro, esta Senhora que o protagonista não fazia ideia de quem era, ou o porquê dela possuir tantos livros, e ter tanto amor por eles, causa no protagonista um choque de realidade, e todos os questionamentos que a jovem Clarisse tinha feito antes, começaram a fazer sentido naquele momento, que ver Blake sendo queimada com seus livros.

2.4- Mildred

A esposa de Montag Mildred passava horas em seu mundo virtual, sempre envolvida em seus programas de TV, programas esses interativos, que ela achava que fazia parte, porque era programas interativos, Mildred vivia de sedativos e estimulantes, coisas que proporcionam uma felicidade superficial. Nas palavras de Zolin (2009) Beauvoir (1980) aborda que “ O privilegio do homem, portando, reside no fato de a sua “ vocação de ser humano” (transcendência) não se chocar com seu “ destino de macho”; em contrapartida, a mulher vive dividida entre essa mesma vocação e o seu “ destino de mulher” (imanência). (ZOLIN, 2009, P. 224). O que entendemos nas palavras de Beauvoir (1980) é que o homem espera viver um modelo de sociedade patriarcal onde o homem é o chefe da casa que trabalha fora para sustentar sua família e a mulher é o ser submisso e passivo. Quando seu marido Montag chega do trabalho pergunta a sua esposa, o que tinha para a tarde, e ela entusiasmada responde:

Bem daqui a dez minutos entra uma peça no circuito de tela múltipla. Eles me enviaram o meu papel esta manhã. Eu mandei algumas tampas de embalagens. Eles escreveram o roteiro, mas deixaram faltando um dos papéis. É uma ideia nova. A dona de casa, que sou eu, faz o papel que está faltando. Quando chega o momento das falas

que faltam, todos olham para mim, das três paredes, e eu digo a fala. Por exemplo, aqui o homem diz. “ O que você acha dessa proposta, Helen? ” E olha para mim, que estou sentada aqui no centro do palco, entende? E eu digo, eu digo... – ela fez uma pausa e correu com o dedo sob uma fala do roteiro – “ Acho excelente!”. E então eles seguem com a peça até que ele diz “ Você concorda com isso, Helen?”. E eu digo: “ Claro que sim” [...] (BRADBURY 1953 p. 26)

Como podemos notar nas palavras da personagem, ela apresentava uma dependência obsessiva pelas teletelas, e carregava consigo a ilusão de participar das peças de teatro que assistia, ela era uma pessoa muito influenciada pela mídia, que continha características de uma mulher interesseira e gananciosa. “ É muito divertido vai ficar ainda melhor quando pudermos instalar a quarta tela. Quanto tempo você acha que teremos que economizar até podermos furar a quarta parede e instalar uma quarta tela? Custa só dois mil dólares”. (Ray Bradbury, 1953, p.26) A mulher é vista como um ser imperfeito e ocasional e, por natureza, inferior ao homem em dignidade e poder.

O bombeiro pensava que tinha um casamento no sistema patriarcal, onde a mulher ficaria encarregada ao cuidado do lar e atenção para com o marido. “ O ser feminino é subordinado ao masculino ou tratado como um masculino inferior; o poder é exercido na vida civil e doméstica, de modo a submeter a mulher[...] (ZOLIN 2009, P.226) mas não é isso que vemos na protagonista Mildred, podemos observar a frieza com que ela tratava seu marido, em muitos momentos, observamos no romance, que ela dava mais atenção a sua família virtual do que ao seu próprio cônjuge. Beauvoir (1980) acredita que toda manifestação de poder exige o consentimento do oprimido, ou seja a mulher só é submetida a subordinação se ela consentir, que não é o caso de Mildred. Uma das partes que podemos notar a frieza de Mildred em relação ao marido é quando ele acorda com calafrios, e pede remédio a sua esposa e ela comenta:

— Ora, você não pode estar doente — disse Mildred. Ele cerrou as pálpebras sobre os olhos ardentes. — Estou. — Mas você estava bem ontem à noite. [...] — Você poderia desligar o som do salão de tevê? — pediu ele. — É a minha família. — Não pode desligar nem quando estou doente? — Vou abaixar o volume. Ela saiu do quarto, não alterou nada no salão e voltou. — Assim está melhor? — Obrigado. — É o meu programa favorito — disse ela. — E a minha aspirina? — Você nunca ficou doente antes. — Ela saiu novamente. (BRADBURY 1953, p. 45)

Montag tentava conversar com sua esposa, na esperança de dividir com ela os acontecidos de seu trabalho, em específico, a queima de mais de mil livros na casa de uma senhora que ao ver o que ocorria preferiu morrer queimada com seus livros do que permitir-se livrar do conhecimento cedido por eles. A imagem da mulher sendo consumida pelas chamas não saía

da cabeça do bombeiro e ele desejava dividir isso com alguém. Entretanto, sua esposa só conseguia dar ouvidos aos aparelhos que ouvia e, posteriormente, cantarolava. Depois de tanto tentar explicar, porque estava pensativo a ponto de adoecer, Montag questiona a sua esposa o que ela acharia se ele largasse o emprego de bombeiro:

— Mildred, o que você diria se, bem, quem sabe, eu deixasse meu emprego por algum tempo? — Você quer abandonar tudo? Depois de todos esses anos de trabalho, só porque, numa noite, uma mulher e seus livros...’ — Para mim, ela não é nada; ela não deveria ter livros. A responsabilidade era dela, ela devia ter pensado nisso. Eu a odeio. Ela o deixou perturbado, e se você continuar assim vamos ficar na rua da amargura, sem casa, sem trabalho, sem nada. — Você não estava lá, você não viu — disse ele. — Deve haver alguma coisa nos livros, coisas que não podemos imaginar, para levar uma mulher a ficar numa casa em chamas; tem de haver alguma coisa. Ninguém se mata assim a troco de nada. (BRADBURY 1953, p. 46)

O bombeiro a todo instante tentava convencer sua esposa, a acreditar nele, e seguir sua linha de raciocínio, ‘’ — Me deixe em paz — disse Mildred. — Eu não fiz nada. — Deixar você em paz! Tudo bem, mas como eu posso ficar em paz? Não precisamos que nos deixem em paz. Precisamos realmente ser incomodados de vez em quando.’’ (BRADBURY, 1953, p. 47) Bem com essa frase de Mildred podemos notar a indiferença que a personagem tinha para com seu marido, podemos constatar que mesmo que involuntariamente Mildred tem um papel fundamental da vida de Montag, depois de conhecer a jovem Clarisse o bombeiro faz mesmo que sem perceber uma comparação entre as duas figuras femininas, como uma menina tão jovem tinha tanta sabedoria e vontade de viver, e que estava ali pronta para ouvi-lo, e que sua esposa que deveria ser a primeira a estar do seu lado não fez isso, e Montag não conseguia entender o porquê de sua esposa lhe tratar tão mal, ao ponto de escolher sua família virtual a ele.

— Bem, agora você conseguiu. Ali fora, na frente de casa. Olhe quem chegou. — Não me importa. — Uma viatura fênix acabou de parar e um homem de camisa preta com uma serpente alaranjada costurada no braço está descendo ali na calçada. — O capitão Beatty? — disse ele. — O capitão Beatty. Montag não se mexeu, continuando a olhar para a brancura fria da parede imediatamente à sua frente. — Por favor, vá atendê-lo, sim? Diga-lhe que estou doente. — Diga você mesmo! (BRADBURY, 1953, p. 480)

Podemos constatar, com o desenrolar da história que Mildred era sim uma pessoa submissa, mas essa submissão se devia as teletelas, ela fazia tudo que a mídia lhe exigia, sem se dar conta que estava sendo manipulada pelo sistema, mas ao mesmo tempo era uma mulher

transgressora, em relação ao seu marido, pois em nenhum momento do romance ela é submissa a ele. Wiechmann aborda que opondo-se à imagem angelical, a mulher-monstro é o estereótipo que condensa em si as transgressões ao ideal feminino. Em outras palavras, essa representação se refere às mulheres que assumem características tradicionalmente masculinas, como a autoridade, a força e a iniciativa sexual. Diante disso, o ato de criação é visto no patriarcado como algo essencialmente masculino:

Com o advento do patriarcado, o macho reivindica acremente sua posterioridade; ainda se é forçado a concordar em atribuir um papel a mulher na procriação, mas admite-se que ela não faz senão carregar e alimentar a semente viva: o pai é o único criador. (BEAUVOIR, 1970, P,29)

O bombeiro esperava encontrar na mulher a figura feminina que ele acreditava ser o ideal de mulher, ou seja aquela mulher que aceita tudo o que o marido fala e impõe. Em um determinado momento do romance o bombeiro Montag revela a sua esposa Mildred que estava guardando livros em casa, que os lia e se sentia diferente com uma raiva interior, e quem despertou esse interesse pela leitura foi a jovem Clarisse com seus inúmeros questionamentos, mas Mildred não queria ouvir aquela conversa, nem acreditar que ler fazia bem. Quando percebe que seu marido está guardando livros em casa a jovem se sente ameaçada e acaba denunciando Montag para o chefe dos bombeiros, como podemos ver na citação a seguir:

A porta da frente se abriu; Mildred desceu os degraus, correndo, uma valise nas mãos crispadas com a rigidez de um sonâmbulo, enquanto um táxi silvava parando junto à calçada. — Mildred! Ela passou correndo com seu corpo rígido, o rosto empoado, a boca invisível, sem batom. — Mildred, não foi você quem deu o alarme! Ela atirou a valise no táxi, embarcou e sentou-se, resmungando: — A família, coitada da família, ah, tudo acabado, tudo, tudo, tudo agora acabou... Beatty agarrou o ombro de Montag enquanto o carro arrancava e desaparecia, a mais de cem por hora, no final da rua. (BRADBURY, P. 88)

Para Wiechmann a visão do patriarcalismo sobre a mulher foi sendo desconstruída a partir do momento que as críticas feministas foram expondo o real papel da mulher na sociedade, evidenciando que a mulher tinha o direito de trabalhar, estudar, casar-se ou não, escolher se queria ou não filhos. Assim a menina inocente torna-se uma mulher decidida e que sabe o que quer. Diante de todo conteúdo aqui exposto, nota-se que as três figuras femininas aqui estudadas se mostraram mulheres transgressoras, que estavam à frente de qualquer sistema.

4-CONCLUSÃO

O romance *Fahrenheit 451* nos revela em seu enredo mulheres de grande importância para o desenrolar da trama, embora nunca tenha sido trabalhado antes, mulheres essas que ora mostra-se submissa ora transgressoras, em nossa análise pudemos observar que a jovem Clarisse uma das personagens, apesar da pouca idade é uma mulher de personalidade forte, que nos revela ser no decorrer da trama uma mulher transgressora, que ia em busca dos seus objetivos sem temer as consequências, ou qualquer entidade governamental. Blake uma mulher aparentemente sem nenhuma importância no romance é a que ao nosso ver, é a mais transgressora, quando decide ser queimada com seus livros, a ter que viver sem seu bem mais precioso, os livros, ela não aceitava o que aquela a sociedade estava lhe impondo, que era se desfazer de seus livros. Mildred a típica mulher submissa, dona de casa que não se preocupava com nada além das futilidades da vida, mas que ao final da história nos mostrou que além de submissa poderia ser transgressora de maneira que defendesse de alguma maneira aquilo que ela acreditava.

Mildred era totalmente submissa ao governo, pois ela acreditava naquilo que lhe era imposto pelo sistema governamental e qualquer verdade que não fosse a que ela entendia como absoluta, ela não queria saber, mas constatamos que Mildred em nenhum momento do romance é submissa ao seu marido Montag, pois ele a queria fazer acreditar em algo que não era o que estava em sua mente, e por isso ela acaba o denunciando para o chefe dos bombeiros.

Concluimos por tanto que as mulheres do romance *Fahrenheit 451* tem um papel fundamental para o desenrolar da trama, pois sem elas, e suas personalidades fortes, o protagonista Montag nunca teria acordado para a vida manipulada e vazia que vivia e delineado um novo rumo para sua história e conseqüentemente de uma vida futura. Clarisse e Blake não aceitavam aquele modelo de sociedade, que lhes era imposto, e por isso não se submetiam ao governo totalitário. É evidente que o movimento feminista já evidenciou a mulher perante a sociedade, mas está luta ainda não cessou e a igualdade de gênero ainda é um sonho que a maioria das mulheres almejam.

REFERÊNCIAS:

BRADBURY Ray. **Fahrenheit 451**: A temperatura na qual o papel do livro pega fogo e queima; trad. Cid Knipel São Paulo Globo, 2007.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo sexo** – fatos e mitos; tradução de Sérgio Milliet. 4 ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CASNABET, Michèle Crampe. “**A mulher no pensamento filosófico do século XVIII**”. (Tradução de Maria Carvalho Torres). In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (orgs). História das mulheres no Ocidente, vol. 3. Porto: Edições Afrontamento; São Paulo: Ebradil, 1990

COELHO, Nelly Novaes, **A literatura feminina no Brasil Contemporâneo**. São Paulo. Ed. Sciliano, 1993

CORREIA, Danielle Cristina Russo. “**O Estado totalitário e os cidadãos em Fahrenheit 451 de Ray Bradbury**”. São Paulo 2015

FIGUEREDO, Luciano. **Mulher e Família na América Portuguesa**. São Paulo: Atual, 2004. 112 p.

GARCIA, Néson Jahr. **Propaganda: Ideologia e Manipulação**– 1ª.Edição em ebook – RocketEdition – eBooks Brasil – Janeiro 2014.

LOCHI, Maria Chiara. “**Fahrenheit 451 E o debate sobre os limites à liberdade de Expressão**”. Revista Internacional de Direito e Literatura 2016

LOURO, Guacira. **Epistemologia feminista e teorização social – desafios, subversões e alianças**. Coletânea Gênero plural. Miriam ADELMAN; Cilsibrönstru SILVESTRIN (organizadoras). Curitiba. UFPR, 2002.

NASCIMENTO¹. Mariana Costa e CALSA². Geiva Carolina. **Pensamento Centrado da Maioria Nômica em Fahrenheit 451: Conceitos de Piaget e Moscovici na obra de Ray Bradbury**: Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo, nº 25 – janeiro a junho de 2015

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da história** / Michelle Perrot : tradução Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle, **Minha história das mulheres**. Tradução de Angela M.S. Coreia São Paulo. Ed. Contexto 2007.

PEREIRA, Elisabete Cristina Figueiras Ribeiro de Jesus. ‘**Felicidade e tecnologia em Fahrenheit 45**. Lisboa 2007

RANGEL, Luiz Aloysio Mattos. ‘**Entre Livros e Televisão: Ambiguidades Históricas em Fahrenheit 451**. São Paulo. 2012

WIECHMANN¹, Natalia Helena. **A Crítica literária feminista e autoria feminina**. Ensaio disponível em:

<http://www.baraodemaua.br/comunicacao/publicacoes/vocabulo/pdf/natalia.pdf>, acesso: 20/07/20018.

ZOLIN, Lúcia Osana. **Crítica feminista**. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (org). Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. Maringá: Eduem, 2009, p. 217-242.

<https://www.citacoes.in/citacoes/1358573-rimbaud-os-poetas-serao-quando-for-abolida-a-servidao-inf/> acesso:12/11/2018